

Publicidade



buscas

cidades PROGRAMA-SE

Edição 1 738 - 13 de fevereiro de 2002

Brasil Crime **estasemana***(conteúdo exclusivo para assinantes VEJA ou UOL)* **Índice** **Seções** **Brasil**

- As conexões dos grandes seqüestros no Brasil
- A briga pela Vice-Presidência
- Roriz, um governador muito enrolado com a Justiça

Internacional **Geral** **Economia e Negócios** **Guia** **Artes e Espetáculos** **colunas***(conteúdo exclusivo para assinantes VEJA ou UOL)* **Claudio de Moura Castro** **Gustavo Franco** **Diogo Mainardi** **Roberto Pompeu de Toledo** **seções***(conteúdo exclusivo para assinantes VEJA ou UOL)* **Carta ao leitor** **Entrevista** **Cartas** **Radar** **Holofote** **Contexto** **Veja essa** **VEJA on-line** **Arc** **Gente** **Datas** **Para usar**

As cicatrizes do cativo

Depois do seqüestro, o retorno ao dia-a-dia traz à tona as seqüelas do trauma

Anna Paula Buchalla

Recentemente, o cantor evangélico Wellington Camargo, de 29 anos, foi passear com a família numa fazenda de amigos, no interior de Goiás. De repente, ele ouviu o barulho de gansos. Vieram os tremores, a bateadeira no coração, o suor frio e a angústia. O cantor teve de ir embora com a mulher e o filho de 8 anos. O desespero provocado pela barulheira das aves é uma das cicatrizes que Wellington carrega do cativo. Do quarto em que ficou trancado por 96 dias, de dezembro de 1998 a março de 1999, tinha de conviver com o alvoroço de gansos, soltos ao redor da casa que lhe serviu de prisão. A orelha esquerda cortada – dois terços dela arrancados a faca por seus algozes – é a marca física deixada pelos bandidos. A marca psicológica hoje dói mais. Passados três anos do seqüestro, basta um som, um cheiro, uma imagem para trazer à tona a lembrança dos horrores daquele tempo. "Frequentemente

Leia também

- Confira as últimas notícias sobre os casos Washington Olivetto e Celso Daniel.**
- Olivetto, Abilio, Beltran e Luiz Sales: coincidências demais**
- Norambuena: terror por dinheiro**
- Doce impunidade**
- "Eu chorei, me desesperei, senti revolta"**
- Perdidos na história**

☑ **VEJA Recomenda**
 ☑ **Os livros mais vendidos**

📁 **arquivoVEJA**

(conteúdo exclusivo para assinantes VEJA ou UOL)

☑ Arquivo 1997-2002
 ☑ Reportagens de capa 2000|2001|2002
 ☑ Entrevistas 2000|2001|2002
 ☑ Busca somente texto 96|97|98|99|00|01|02

Crie seu grupo



sonho que estou vivendo a mesma situação: preso no cativeiro, ameaçado por aquelas pessoas", conta Wellington. "É tudo ainda muito real e presente."

Cristiana C. Branco



Wellington: tremores e angústia ao ouvir gansos, lembrança do cativeiro

O cantor, irmão da dupla sertaneja Zezé Di Camargo e Luciano, é vítima do que os médicos chamam de flashback, um dos principais sintomas do stress pós-traumático. Definido como doença em 1980, pela Associação Americana de Psiquiatria, o distúrbio psíquico afeta seis em cada dez vítimas de um episódio chocante. O rol de traumas é extenso. Tão variado quanto a forma com que cada um lida com o drama. Duas pessoas podem reagir de maneiras diferentes a um mesmo evento. Há muito tempo a medicina estuda os principais traumas pelos quais um ser humano pode passar. Um dos trabalhos, assinado pelo psiquiatra

Geraldo Ballone, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, lista algumas fontes indiscutíveis de trauma – de uma agressão física a uma guerra. O seqüestro lidera esse ranking. É tão traumático quanto a dor de uma mãe pela morte do filho.

Em um seqüestro, de uma hora para a outra a vítima é arrancada de sua rotina. Planos são interrompidos. A identidade, dada pelas mais comecinhas atividades, é comprometida. A vida, suspensa pela ameaça da morte. "Essa interrupção brusca do dia-a-dia, aliada à pressão psicológica pela qual passa o seqüestrado, interfere no senso de realidade mesmo depois da libertação", diz o psiquiatra Geraldo Massaro, do Hospital das Clínicas de São Paulo. Graças ao instinto de sobrevivência do ser humano, dono de uma capacidade de adaptação quase sem limites, os reféns, por mais adversas que sejam as condições, conseguem não perder de vez o pé da realidade. Com a liberdade, porém, o trauma se revela.

É como a morte de um filho

O seqüestro, ao lado da perda de um filho, é o pior trauma que se pode sofrer. O quadro lista vários tipos de trauma e mostra a porcentagem dos casos em que a vítima precisa de apoio psicológico ou psiquiátrico

Seqüestro	100%
Morte de um filho	100%
Guerra	88%
Incêndio	70%
Morte de um parente doente	70%
Terremoto	70%
Violência doméstica	50%
Abuso sexual	48%
Agressão física	25%

Fontes: Geraldo Ballone, professor da PUC de Campinas, e Ana Maria Rossi, presidente da International Stress Management Association no Brasil

Em 1994, depois de 75 dias de confinamento em um quarto minúsculo, com som e luz ligados o tempo todo, o banqueiro Ezequiel Nasser ficou cerca de três anos praticamente sem sair de casa. Quando o fazia, estava sempre acompanhado de um forte esquema de segurança. Era refém do medo. Um problema que afeta não só a vítima mas toda a sua família. "Quando vou viajar, meu filho me liga duas, três vezes por dia para saber onde estou. E, antes de ir, tenho de mostrar meu destino no mapa", conta o cantor Wellington.

"Apesar do sofrimento experimentado pelo seqüestro, é comum que os reféns depois revivam o drama", afirma o psiquiatra paulista [Cyro Masci](#), da Academia Americana de Estresse Traumático. O terror é tão grande que a memória daquele período fica congelada. Essa lembrança compromete o dia-a-dia. Interfere no sono, na capacidade de concentração, nos relacionamentos familiar e social. É esperado até que as vítimas manifestem períodos de euforia – agitadas, não param de falar sobre o acontecido. Esse quadro é normal. Mas, se persistir por mais de três meses, é recomendável a intervenção de um especialista. O diagnóstico inclui outros sintomas: medo incontável e desproporcional, taquicardia, suor, tremor, respiração curta e ofegante, sensação de que algo muito ruim está sempre para acontecer. Na maioria dos casos, o quadro evolui para depressão, fobia social e transtornos do pânico. O tratamento prevê a associação de medicamentos – antidepressivos e ansiolíticos – e psicoterapia.

Marisa Uchiyama



Claudio Rossi



Nasser (à esq.) optou pela reclusão. Já Aronson logo retomou sua rotina

Pesquisas recentes mostram que, em média, uma pessoa leva três meses para superar a experiência. Alguns ficam paralisados pelo medo. Outros, apesar do trauma, conseguem retomar a rotina. Foi o que aconteceu com o empresário Girsz Aronson. Aos 81 anos, em setembro de 1998, ficou catorze dias em poder de criminosos. Em

liberdade, logo voltou ao antigo ritmo de trabalho. Sônia Machado Jardim, uma das donas da Editora Record, usou da mesma estratégia. Em 1997, ela passou 27 dias em poder dos bandidos. "No dia seguinte à minha libertação, a primeira coisa que fiz foi ir ao cabeleireiro. Fui chorando, mas precisava cuidar de mim. Se você não retoma a rotina, continua refém dentro de casa", lembra ela, hoje com 45 anos. "Acho que consegui superar bem." Superar não significa esquecer, mas aprender a conviver com as recordações do cativo.

 voltar

NOTÍCIAS DIÁRIAS

Copyright © 2002, Editora Abril S.A. - Todos os direitos reservados. All rights reserved.



Conheça outros sites Abril

